

## Brasil



**POPULAÇÃO TRANS**  
STF adia julgamento sobre banheiros  
Prevista para esta semana, análise do tema foi retirada da pauta do tribunal



## ENTREVISTA

## Adeline Hulin / LÍDER DE EDUCAÇÃO MIDIÁTICA DA UNESCO

Cientista política francesa afirma que crianças precisam ser preparadas desde cedo para reagir à desinformação, vê IA com otimismo e defende que plataformas moderem conteúdos

# EDUCAÇÃO MIDIÁTICA É UM PILAR NO COMBATE A FAKE NEWS

BRUNO ALFANO  
bruno.alfano@globo.com.br

Líder da Unidade de Educação Midiática e Competências Digitais da Unesco, Adeline Hulin explica que as novas habilidades precisam ser ensinadas na escola e fora dela para combater desinformação, mas defende que plataformas têm responsabilidades de garantir moderação de conteúdo. Ela esteve no Brasil na última semana para o Encontro Internacional de Educação Midiática, realizado pelo Instituto Falar Aberta, com apoio da Fundação Roberto Marinho e de outras instituições.

## O que deve haver no currículo da educação midiática?

Alguns pilares seriam: entender o que é a liberdade de expressão; tudo relacionado à distribuição de informação e uso social das redes; desinformação e discurso de ódio; aprender de onde vem a informação, em qual confiar; o que é um jornalista em comparação a um influenciador digital. São muitos temas. A Unesco tem um currículo pronto que é possível consultar como referência.

## E fora da escola?

Há muito o que se pode fazer na educação informal, através das próprias mídias sociais ou do rádio.

**O que é educação midiática?** É um conjunto de habilidades que você precisa, nos dias atuais, para navegar no novo ecossistema de informação. É entender de onde vem a informação, quem a criou (uma máquina ou um ser humano), o algoritmo que trabalha por trás dela, a razão pela qual existe uma fake news, como combatê-la, o que fazer quando for confrontado com discurso de ódio, entre outras coisas.

**Como esse tema deve ser trabalhado na escola?** Não há modelo único. É preciso ser adaptado ao sistema de educação. Pode ser uma disciplina ou pode passar por todas as aulas, com todos os professores trabalhando educação midiática. Esses diferentes jeitos podem dar certo.

**O Brasil está neste momento discutindo a regulação das mídias sociais. O que não pode ficar fora de um lei deste tipo?**

Não vou falar dessa lei em particular, mas, para nós da Unesco, educação midiática não é a única resposta que podemos dar para todos os desafios relacionados ao ambiente digital. É um dos pilares principais, mas precisa ser combinado com outras respostas, como aumentar a transparência, a responsabilidade e o compromisso das plataformas digitais. Você pode educar o quanto quiser, que isso não será a bala de prata.



**Qual é a idade ideal para começar a aprender sobre educação midiática?**

Neste momento, acho que quanto mais jovem, melhor. As pesquisas mostram que os pais estão dando o telefone para os menores ocupados. Não estou dizendo que precisamos ensinar bebês, mas eu acho que você pode começar nas crianças mais novas, sim.

**Como o que?**

Educação midiática é uma parte delas, mas também reforçar o fact-checking nas plataformas com apoio da mídia e campanhas com mensagens curtas alertando que as pessoas devem ser conscientes, o que precisam estar atentas, em relação à desinformação.

## Isso é suficiente?

Veremos. A boa notícia é que há uma grande consciência dos problemas que estão por vir. Então os tomadores de decisão que estão preocupados, mas a população também. Se há essa consciência, é possível trabalhar o problema da desinformação.

**O que leva pessoas a disseminarem desinformação durante uma tragédia como a do Rio Grande do Sul?**

Há, por trás dessas notícias falsas, atores maliciosos que estão explorando isso por diversos propósitos. E as pessoas replicam a desinformação por falta de confiança nas instituições políticas e na mídia. Isso também que faz com que elas acreditem nas teorias da conspiração, por exemplo.

**Como é a melhor forma de lidar com isso nestes momentos de crise?**

Nós vimos o mesmo durante a Covid, né? No contexto das

eleições, algumas plataformas estão criando um centro para monitoramento. Nas crises (como no Rio Grande do Sul), elas precisam ter avaliação de risco para poder ver quando algo está ficando rapidamente fora de controle e reagir com medidas especiais e monitoramento da situação. Para isso, precisamos ter checadores e moderação de conteúdos com a sinalização de informações falsas quando for o caso.

**Muita gente está preocupada com a inteligência artificial. Você está nesse grupo de pessimistas?**

Hmm... Não. Acho que não.

## Por quê?

Ainda acredito que isso pode ser uma força para o bem. Sou uma pessoa otimista, mas essa é talvez a minha personalidade. E, claro, nós precisamos falar dos problemas, mas também há alguns desenvolvedores com propostas positivas. Não acredito que as máquinas vão substituir os humanos.

**É importante ter uma regulação específica para inteligência artificial?**

Depende, não sei. A IA está em todas as coisas. Então, seria uma política para tudo ou precisa uma regulação específica para cada aspecto em que ela é empregada? Ainda estamos estudando esse tema.

**O que você faz quando recebe uma notícia falsa de um amigo ou parente no WhatsApp?**

Existe um grupo de pessoas que é muito difícil de conversar porque eles realmente creem. Mas se é alguém que eu tenho bom diálogo, eu reajo. Pergunto: você está seguro de onde vem essa informação? Tenho essa experiência com meus filhos o tempo todo. Muito recentemente, meu filho de 15 anos me mandou alguma coisa e perguntei: onde você encontrou essa informação? Como você conseguiu? E ele disse: "Ah, mas foi compartilhada por essa pessoa que tem 15 milhões de seguidores". E eu respondi: "Mas você acha que isso é suficiente para acreditar?" O que eu estava tentando era fazer ele refletir sobre o que estava compartilhando.

## ANTÔNIO GOIS



## Escolas Verdes

A garantia de infraestrutura adequada a todas as escolas públicas sempre foi um dos aspectos destacados por educadores como essenciais para a melhoria da qualidade da educação. No contexto de mudanças climáticas, o tema ganha ainda mais relevância, afinal, ondas de calor, secas prolongadas, enchentes e outras consequências do aquecimento global

serão cada vez mais frequentes, aumentando os riscos de suspensão de aulas por tempo prolongado ou de piora nas condições de estudo. No entanto, dados do Censo Escolar revelados em reportagem de Bruno Alfano no GLOBO mostram que sete em cada dez salas de aula não são climatizadas no Brasil. No ano passado, 2.200 alunos ficaram sem aulas no período de extrema seca no Amazonas. No Rio Grande do Sul, 400 mil alunos foram afetados agora com enchentes. Mesmo escolas que não sofreram danos em sua infraestrutura podem ter atividades interrompidas quando precisam servir de abrigo, situação que ocorreu no Sul e nas chuvas no litoral de São Paulo no ano passado. Um estudo (Escolas Verdes) publicado em dezembro do ano passado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento já alertava sobre a necessidade de investimentos mais na adaptação das escolas, trazendo exemplos práticos e de diretrizes para construção ou reconstrução da infraestrutura, de modo a tornar esses ambientes mais resilientes e sustentáveis. O relatório destaca alguns estudos que já

mostravam — antes mesmo do debate sobre as consequências das mudanças climáticas — que a melhoria da infraestrutura escolar pode elevar as taxas de frequência de alunos em até 60%, além de contribuir para maiores taxas de conclusão, especialmente para alunos mais vulneráveis. Cita também evidências de ganhos na aprendizagem, um resultado relativamente intuitivo quando a comparação é feita entre escolas com infraestrutura precária comparada àquelas com condições minimamente adequadas. Em texto publicado no mês passado no site do Banco Interamericano, três autoras do estudo (Maria Soledad Bot, Liora Schwartz e Livia Minoja) retomam algumas conclusões e listam cinco passos para planejar escolas verdes e resilientes. O primeiro deles é um estudo cuidadoso das condições ambientais e das vulnerabilidades climáticas de cada local.

Em seguida, é preciso identificar estratégias de adaptação e eficiência energética mais adequadas. Uma terceira orientação é procurar materiais com baixo impacto ambiental e baixo consumo de energia durante o ciclo de vida de fabricação. A quarta recomendação é a utilização, sempre que possível, de sistemas de energia renovável. Por fim, é importante também considerar outros aspectos para reduzir o impacto ambiental das escolas, como a otimização do consumo de água e a gestão de resíduos sólidos. Em países onde ainda há escolas com infraestrutura altamente precária, é sem dúvida muito desafiadora a adaptação a essa nova realidade climática. Na América Latina e Caribe, por exemplo, o relatório lembra que mais de 40% dos estudantes do 3º ano do fundamental estudam em estabelecimentos com acesso escasso a água e saneamento. Mas os autores citam evidências de que a adaptação a códigos de construção mais seguros e adaptados a eventos extremos climáticos é uma medida muito mais eficiente e eficaz do que arcar com os prejuízos da reconstrução.